



POR DENTRO DO ARTIGO DE OPINIÃO: UMA EXPERIÊNCIA COM A OLIMPIADA DE LÍNGUA PORTUGUESA *ESCREVENDO O FUTURO*

Jocenilton Cesário da Costa

*Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – PPGL/UERN; Supervisor-bolsista do PIBID/IFPB
newton.costa.jp@hotmail.com*

RESUMO

Os estudos linguísticos contemporâneos consideram o texto como a unidade basilar de ensino. Nessa conjuntura, consideram-se os diversos gêneros textuais que circulam nas práticas sócio comunicativas em que a linguagem se presta ao uso. Partindo desses pressupostos, o presente artigo busca discutir o nosso trabalho com os gêneros textuais na sala de aula, por meio do trabalho com o material didático da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro* 2016, contemplando as práticas metodológicas com o gênero artigo de opinião. Através das atividades propostas a partir do referido gênero, numa turma de 3ª série do Ensino Médio, buscamos refletir como o artigo de opinião pode contribuir para a formação do leitor e do escritor no contexto da sala de aula. Nessa perspectiva, procuramos mostrar como as produções de textos, atendendo às especificidades do gênero em estudo, contribuem para o desenvolvimento da proficiência linguística, tornando o usuário da língua um sujeito mais crítico. Para subsidiar teoricamente nossos enfoques, recorreremos aos estudos de Antunes (2003), Britto (2005), Dell’Isola, Lopes-Rossi (2006), Marcuschi (2007, 2008), Pimenta e Lima (2001), Rodrigues (2000) e Souza (2007). Dessa forma, percebemos que o trabalho com o artigo de opinião dar oportunidade de instruir o aluno a exercer seu papel de cidadania, tendo em vista a grande influência que esse gênero exerce na esfera jornalística e seu forte papel discursivo na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros textuais; artigo de opinião; produção de texto; oficinas.

INTRODUÇÃO

O ambiente escolar configura-se como uma forma de proporcionar os mais diversos modos de aquisição do conhecimento e o professor um dos principais responsáveis nesse processo. Nesse ideário, é perfeitamente indispensável que o ensino de Língua Portuguesa como língua materna procure favorecer o uso da língua/linguagem em suas múltiplas instâncias sociais, respondendo a diferentes propósitos comunicativos e expressivos e considerando as diferentes condições de produção dos discursos que arrolam a vida em sociedade.



Partindo desse pressuposto, o presente texto visa a discutir o nosso trabalho com os gêneros textuais na sala de aula, por meio do trabalho com o material didático da Olimpíada de Língua Portuguesa *Escrevendo o Futuro*, contemplando as práticas metodológicas com o gênero artigo de opinião. Através das atividades propostas a partir do referido gênero, numa turma de 3ª série do Ensino Médio, buscamos refletir como o artigo de opinião pode contribuir para a formação do leitor e do escritor no contexto da sala de aula.

Nesse intuito, organizamos o nosso trabalho da seguinte maneira: i) algumas considerações acerca dos gêneros textuais no ensino de língua materna; ii) uma discussão sobre a abordagem dos gêneros jornalísticos na sala de aula; iii) relato de nossa experiência no trabalho com o artigo de opinião numa turma de 3ª série do Ensino Médio. Nossas discussões serão feitas à luz dos pressupostos teóricos de Antunes (2003), Britto (2005), Dell’Isola, Lopes-Rossi (2006), Marcuschi (2007, 2008), Pimenta e Lima (2001), Rodrigues (2000) e Souza (2007).

GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pensar no ensino de Língua Portuguesa é compreender os diversos aparatos teórico-metodológicos que tomam o texto como a unidade basilar de ensino. É buscar compartilhar os conhecimentos que estão subjacentes às três esferas consideradas fundamentais para a abordagem da língua materna: leitura, gramática e produção de texto. É, destarte, adentrar no universo de símbolos, linguagens e códigos inerentes à noção de língua como exercício e manifestação social. Enfim, ensinar Língua Portuguesa é partir dos mais variados gêneros de textos que circulam nas inúmeras situações de comunicação verbal e não-verbal.

Já se tornou um clichê a ideia de que, nas aulas de português, devem ser trabalhados os gêneros textuais mediante as diferentes esferas de comunicação humana. O que percebemos, no entanto, é uma abordagem ilusória dessa metodologia, pois muito se fala, mas pouco se vê um trabalho significativo que leve o aluno a compreender, de fato, o gênero que se aborda no contexto da sala de aula, em diferentes atividades de cunho oral e escrito.

Subjacente a esse levantamento, a maioria das aulas não priorizam a competência discursiva do aluno para que ele seja capaz de utilizar a língua de forma variada, produzindo diferentes efeitos de sentido em diversas situações de interlocução verbal e escrita. Nessa conjuntura, é deixado de lado o trabalho com os gêneros textuais, advindos das tipologias textuais que predominam em variados usos da linguagem.



Não se pode esquecer, outrossim, que o trabalho com os gêneros deve trazer à tona a concepção de língua não como um sistema estável, mas como um lugar de interação humana, em que os gêneros textuais/discursivos, alicerçados diretamente em Bakhtin (1985), se materializam nos mais variados discursos. Desse modo, devemos levar em conta a proposição de que a língua é um lugar em que os indivíduos realizam encontros complexos de interação e, por isso, estão atrelados aos gêneros do discurso que configuram suporte verbal a estes sujeitos.

É inegável a singularidade dos gêneros textuais na sala de aula, em particular nas aulas de português, pois são eles que oportunizam levar o aluno ao entendimento e à vivência da real situação comunicativa, que se alicerça do dia-a-dia, no contato direto com a linguagem. Assim sendo, nas palavras de Dell'Isola (2007, p.19),

Gêneros textuais (doravante GTs) são práticas sócio-históricas que constituem como ações para agir sobre o mundo, constituindo-o de algum modo, por serem fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social; fruto do trabalho coletivo; formas de ação social; modelos comunicativos; eventos textuais, os GTs apresentam características comunicativas, cognitivas, institucionais e linguísticos/estruturais, cuja finalidade é produzir e interpretar as ações humanas em qualquer contexto discursivo, além de ordenar e estabilizar as atividades comunicativas cotidianas.

Essa colocação nos induz a entender o significado dos gêneros textuais. Justamente por isso que devemos ter em mente a ideia de que eles devem ser tomados como a base para se alicerçar a proficiência linguística e construir o conhecimento advindo da prática de leitura e de produção de texto.

Na verdade, o professor precisa ser um mediador para despertar o caráter heterogêneo da língua, conquanto propiciadas um número ilimitado de situações em que o aluno possa se sentir convidado a refletir, pensar e interagir nos textos trabalhados. A importância dos gêneros textuais é única e por isso

o uso depende de se ter conhecimento sobre o dito/escrito (a leitura/análise), a escolha de gêneros e tipos de discurso. Tais escolhas refletem conhecimento e domínio de “contratos” textuais não declarados, mas que estão implícitos. Tais contratos exigem que se fale/escreva desta ou daquela forma, segundo este ou aquele modo/gênero. Disso saem as formas textuais. (BRASIL, 1999).

Com essa noção, inferimos que, de forma assídua, o papel dos gêneros textuais é propor e desenvolver a capacidade comunicativa do aluno, o que, lamentavelmente e em grande medida, não



ganha validade nas práticas de sala de aula. Dado suas especificidades, os gêneros textuais estão presentes nas várias ações humanas/sociais acopladas às estabilidades relativas que se concretizam em domínios discursivos específicos.

O trabalho com os gêneros textuais, conforme considera Marcuschi (2008) pode tomar por base diferentes domínios discursivos e modalidades de uso da língua, a saber: instrucional, religioso, saúde, comercial, industrial, jurídico, publicitário, lazer, interpessoal, militar, ficcional e jornalístico. Este último traz um papel bastante significativo para as aulas de língua materna, como veremos no tópico seguinte.

OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA SALA DE AULA: UM TRABALHO POSSÍVEL

É de grande relevância abordar os gêneros textuais levando em consideração os veículos próprios e específicos de circulação desses gêneros. Um dos veículos tidos como pioneiro para a compreensão de diversas práticas de comunicação e de manifestação da linguagem é o jornal. Trabalhar com os gêneros jornalísticos é buscar contribuir para a formação de leitores proficientes e escritores críticos no contexto da sala de aula.

Direcionar um olhar para as aulas de língua materna sugere pensar num trabalho que contemple as reais situações comunicativas. É partindo desse pressuposto que Souza (2007, p. 58) aponta que, “por dar prioridade aos fatos sociais que ocorrem em determinada sociedade, o jornal constitui excelente material didático para o ensino de leitura e produção de texto”. Nesse ideário,

o jornal é também uma fonte primária de informação, espelha muitos valores e se torna assim um instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social e profissional. Como apresenta um conjunto dos mais variados conteúdos, preenche plenamente seu papel de objeto de comunicação. Mas não só, pois como os pontos de vista costumam ser diferentes e mesmo conflitantes, ele leva o aluno a conhecer diferentes posturas ideológicas frente a um fato, a tomar posições fundamentadas e a aprender a respeitar os diferentes pontos de vista, necessários ao pluralismo numa sociedade democrática. (FARIA, 1999, p. 11)

Nesses termos, é perceptível o quanto o jornal pode contribuir para a formação da cidadania, visto que o contato com os gêneros que circundam esse veículo de comunicação possibilita o aluno



a pensar, refletir e se posicionar diante de questões e temas que lhe despertem interesse e curiosidade.

Em face a essa ideia, o jornal é um veículo de comunicação que permite muitas atividades e pode ser trabalhado em todas as séries, ficando a critério do professor desenvolver atividades de acordo com seus objetivos, seu plano de aula e os interesses da classe. Ler um jornal é, pois, compreender um mundo construído por meio da linguagem. Por isso,

a leitura do jornal oferece, ainda, um contato direto com o texto escrito autêntico (e não com textos preparados apenas para serem usados na escola). Desenvolve e afirma a capacidade leitora dos alunos; estimula a expressão escrita dos estudantes, que aprendem com o jornal a linguagem da comunicação para transmitirem suas próprias mensagens e informações. (FARIA, 1999, p. 12)

Assim sendo, o jornal pode favorecer inúmeras possibilidades de trabalho: debate de assuntos que estabelecem relações entre o indivíduo e o mundo que o cerca, estudo das especificidades de cada gênero jornalístico e a análise deste como um todo que se volta para leitores com diferentes interesses.

Dessa forma, fica claro que o jornal se configura como uma fonte inesgotável de possibilidades de aprendizagem por preparar leitores e escritores assíduos e críticos mediante diversas situações comunicativas. Inserir o jornal no ensino de língua materna é, portanto, contribuir para a construção de espaços em que o aluno consiga desempenhar sua proficiência linguística e seu significativo papel na sociedade.

TRABALHANDO O ARTIGO DE OPINIÃO NA SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

O nosso trabalho com as oficinas com o material didático da Olimpíada de Língua Portuguesa deu-se na Escola Estadual “Vicente de Fontes”, na cidade de José da Penha – RN, especificamente na terceira série do Ensino Médio. O nosso trabalho contemplou os gêneros textuais, enfatizando os gêneros jornalísticos, com destaque primordial para o artigo de opinião.

O embasamento principal para o nosso trabalho foi o *caderno do professor: orientações para produção de textos*, elaborado por Egon de Oliveira Ranget, Eliana Gagliardi e Heloísa Amaral. Nesse caderno, encontramos quinze oficinas para serem realizadas a fim de aprofundar o



conhecimento dos alunos sobre o gênero em foco para, então, produzirem o texto, refazê-lo e apresentar uma versão final.

Outrossim, um dos grandes embasamentos teórico-metodológico que subsidiaram o nosso trabalho foi, sem dúvida, os PCN (BRASIL, 1999), que traz considerações pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem. As atividades indicadas pelo *caderno do professor* estão em consonância com a proposta de ensino com os gêneros textuais/discursivos fornecida por Lopes-Rossi (2006) acerca dos módulos didáticos que tangem o trabalho com a leitura e produção de texto, dentro de suas impecáveis sequências didáticas.

Nesse sentido, procuramos trabalhar com o artigo de opinião partindo desde o conhecimento de suas características discursivas, temáticas e composicionais (aspectos verbais e não-verbais) até ao planejamento para produção escrita de acordo com suas condições de produção, sugerindo, posteriormente a refação do texto, fazendo uso da linguagem enquanto prática social de interação. Tudo isso em harmonia com as propostas explanadas por Lopes-Rossi (2006), que reflete nas propostas dos PCN (BRASIL, 1999).

Corrêa e Cunha (2006) defendem que é preciso contemplar atividades que levem em conta o texto em sua dimensão discursiva, enquadrando o tipo de suporte de veiculação, o gênero, a finalidade, dentre outros fatores. Não obstante, a juízo de Silva e Angelim (2006), um ensino que parte dos gêneros de textos que integram o cotidiano do aluno, para desenvolver a capacidade que ele deve exercer no desempenho linguístico, faz com que lhe pareça de utilidade imediata à aprendizagem da língua. Foi a partir dessas considerações que buscamos trabalhar com o artigo de opinião, envolvendo-os como práticas sócio comunicativas da língua/linguagem.

Dessa forma, descrevemos como se deu esse trabalho de acordo com a sequência didática, que é a principal ferramenta proposta pela Olimpíada. Essa proposta é o conjunto de oficinas e de atividades sobre o artigo de opinião, organizada de modo a facilitar a progressão na aprendizagem de escrita.

Leitura para compreensão das características do gênero

A primeira etapa do trabalho contemplou o primeiro contato da turma com o gênero. Primeiramente, fizemos uma breve retomada às tipologias textuais, atentando, mais especificamente, para o texto argumentativo, já que o gênero selecionado ao trabalho se foca nesse tipo de texto. Logo após, discutimos as características, especificidades e funcionalidade do gênero em foco.



Para induzir os discentes a perceberem que a principal finalidade do gênero *artigo de opinião* é expor um ponto de vista sobre determinado assunto a partir da manifestação de opiniões de pessoas de vários segmentos da sociedade, discutimos alguns artigos a fim de levar os alunos a perceberem a defesa de um ponto de vista arrolada neste gênero.

Logo após, travamos uma discussão sobre algumas peculiaridades que *artigo de opinião* herda do gênero textual *notícia*, com o intuito de levar os alunos a compreenderem como um gênero pode se prestar à criação de outro gênero, como aponta Koch (2008) e os PCN (BRASIL, 1999). Isso facilitou à execução da etapa posterior, em que a turma, organizada em duplas, foi identificar/conhecer o *artigo de opinião* dentro de um de seus veículos de circulação mais conhecidos: o jornal.

Discussão das especificidades do gênero

Nessa etapa, adentramos de maneira mais intensa nas especificidades do artigo de opinião, de modo a abordar os seguintes aspectos: a constituição da questão polêmica dentro do artigo de opinião, o esquema argumentativo, a sustentação de uma tese, as vozes presentes no artigo de opinião, os tipos de argumentos. Essas discussões serviram de ponto de partida para a construção do primeiro texto atendendo às exigências do gênero em foco.

Nesses enfoques, levamos alguns artigos para serem discutidos com a turma, dando uma ênfase maior às características estruturais do gênero em foco. Feito isto, utilizamos o jogo *Questões Polêmicas do Brasil* (Q. P. Brasil) a fim de propor rodas de debates para abordar diferentes opiniões sobre os temas discutidos, levando os alunos a posicionarem-se criticamente acerca de questões polêmicas e controvérsias, dando suporte para, posteriormente, a produção do gênero em estudo.

Produção escrita e divulgação do gênero de acordo com suas condições de produção típicas

A produção do artigo de opinião se deu em três atividades. Primeiramente, os alunos escreveram um artigo supostamente direcionado ao *blog* da escola, com intuito de se posicionarem sobre a escrita abreviada na internet. Posteriormente, os alunos foram direcionados para produzirem um artigo baseado nas questões polêmicas abordadas e discutidas no Jogo *Q. P. Brasil*, cujas temáticas que ganharam destaque foram: a redução da maioria penal, a pena de morte, o uso do



boné na sala de aula e a legalização do aborto. Finalmente, os alunos passaram a esboçar o texto que atendesse às sugestões da Olimpíada.

“O lugar onde eu vivo”, esse era tema de proposta para produção do artigo de opinião. Para tanto, os alunos realizaram pesquisas nas prefeituras, nas escolas, nos hospitais e em outros segmentos públicos do município para conhecer melhor as questões polêmicas que se faziam presentes na cidade. Depois disso, foi feito o esboço para a escrita do texto, objetivando a construção do texto como um todo, de acordo com as características próprias desse gênero.

Feito isso, foi proposto a refacção individual de cada texto, com intuito de melhorar o texto, a fim de chegar uma possível versão final. Concomitante a isso, foi feito, numa banca examinadora montada na própria escola, a seleção do melhor texto, o qual apresentamos abaixo, com a pretensão de expor como esse texto conseguiu atender as especificidades próprias do gênero textual artigo de opinião.

PORTE DE ARMAS: SOLUÇÃO OU PROBLEMA?

Aluna: Edileide da Silva Fontes
Prof. orientador: Jocenilton Cesário da Costa

Não é fácil perder um irmão minutos antes da passagem de ano novo por intermédio de uma bala cuja origem é desconhecida. Só sabe quem enfrenta tamanha tragédia. Esse fato marcou dolosamente o lugar onde vivo, um pequeno povoado denominado Flexas, que fica a, aproximadamente, 6 km de José da Penha, cidade interiorana do estado do Rio Grande do Norte. Esse lugar, na maior parte do dia, é pacato e tranquilo, mas, no período noturno, um sentimento de insegurança nos apavora, pois não há policiamento no local, o que torna Flexas um dos alvos de criminosos. A cada noite, os assaltos aos currais de gado, às estradas carroçáveis e até mesmo às nossas residências, vêm se tornando mais constantes. Mediante a esses acontecimentos, a população vem discutindo um fato divisor de opiniões: o porte de armas de fogo por proprietários rurais. Todavia, surge a indagação: será essa a solução ou a causa de um outro problema?

A lei nº 1.0826/2003 proíbe o porte de armas por civis, salvo os casos em que haja necessidade comprovada e com registro junto à Polícia Federal. De acordo com essa lei, qualquer indivíduo não é autorizado a possuir uma arma acreditando em sua defesa e sem saber usá-la. Desse modo, pela ausência de um monitoramento policial, é evidente que as localidades rurais sejam mais propícias aos ladrões, os quais sentem a maior liberdade para roubar e não se responsabilizar penalmente pelos delitos cometidos.

De um lado, possuir certo tipo de armamento dentro de casa é sinal de defesa e abonação. Especialistas favoráveis ao assunto advogam que permanecer ou sair de casa armado é um meio mais seguro, desde que o portador saiba



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

manusear a arma com precisão. Ainda assim, segundo alguns agricultores locais, a adoção dessa medida daria a sensação de segurança, haja vista que os criminosos pensariam duas vezes antes de cometerem qualquer ato violento, pois estariam cientes de algo a se temer, porque já não seriam os únicos armados.

Entretanto, o porte de arma é, também, um grito pela ferocidade. Desde o Referendo de 2005, que, democraticamente, disse “não” ao porte de armas, é visível, em meio às pesquisas, o ponto crucial de que as armas não defendem, elas matam. É possível contar nos dedos os casos em que as armas foram usadas com sucesso para a defesa pessoal. De tal forma, alguns pecuaristas se posicionam contra a medida, afirmando que a adoção do porte de arma, ao invés de solucionar um problema, irá desencadear outro: a violência, que já vem afligindo, cada vez mais, nossa comunidade e população.

De fato, não são todos os indivíduos rurais que estão preparados para manusear uma arma de fogo, seja qual for o calibre. Para isso, é necessário treinamento e habilidade, o que, notoriamente, a maioria dos cidadãos civis não possuem, podendo colocar em risco as próprias vidas e dos demais habitantes, sem falar, por exemplo, do perigo que é reagir a um assalto à mão-armada.

Diante do exposto, posso afirmar que vem sendo bastante repercutida a questão da legalização do porte de armas de fogo para os proprietários rurais de José da Penha, especificamente no sítio Flexas. De certo, é preocupante, segundo dados da polícia militar do município, o aumento da violência, embora políticas municipais tenham buscado melhorias da segurança local. Nesse arcabouço, lembro do triste caso do meu irmão, que, por engano, foi executado em plena noite do réveillon de 2014, ao se deslocar às festividades da cidade, fato repercutido em todo o alto oeste potiguar. Essas e outras fatalidades foram registradas e continuam afetando, impetuosamente, nossas vidas e, por isso, considero oportuno refletir: para quê tantas armas, se o clamor é por paz e sossego no lugar onde eu vivo?

Assim, acredito que legalizar o porte de armas não é e nem será a solução. Pelo contrário, terá como consequência o aumento da violência e da criminalidade, não só no lugar onde moro, mas no estado, no Brasil e no mundo. É dever meu, seu e nosso prezar pela segurança pública e bem-estar das pessoas. Afinal, social e matematicamente, menos com menos dá mais: menos armas e menos violência é sinal de mais harmonia e de mais concórdia entre os moradores de meu adorável lugar.

Esse texto foi escrito por uma aluna da 3ª série do Ensino Médio. Nele, é possível encontrar as características fíeis do artigo de opinião, de acordo com as atividades desenvolvidas em cada oficina.

Residente em comunidade rural, a aluna procura discutir sobre o porte de armas, uma questão que, para ela, causa bastante polêmica entre os habitantes de sua localidade.

Ao adentrarmos nesse texto, nos deparamos com uma conformidade aos critérios de avaliação para o gênero artigo de opinião, trazendo à tona a ideia de coerência com o tema,



adequação às características próprias do gênero, as marcas de autoria e consonância às convenções de escrita.

Coerência com tema	<ul style="list-style-type: none">• De acordo com a proposta, o texto precisa reportar de forma pertinente a algum aspecto da realidade local. É possível encontrar esses aspectos, pois a autora busca discutir o porte de arma como uma solução ou problema para o lugar onde ela vive.
Adequação ao gênero	<ul style="list-style-type: none">• A questão polêmica discutida no texto é de fundo socialmente relevante, pois a autora deixa expressar as informações pertinentes e diversificadas sobre a legalização do porte de armas, mostrando a questão do âmbito mais geral para o particular.• O texto deixa transparecer claramente o ponto de partida (os dados) e a conclusão (ou tese) a que pretende chegar.• No texto, é perceptível as estratégias argumentativas como refutação e a utilização de diferentes vozes que estão presentes no artigo de opinião, como, por exemplo, as considerações da lei que proíbe o porte de armas.
Marcas de autoria	<ul style="list-style-type: none">• O título do artigo é pertinente com o que é discutido em relação ao tema e ao gênero, visto que a pergunta que convida o interlocutor a pensar o porte de armas como uma solução ou problema, o que instiga a leitura do texto.• A autora usou recursos adequados para preencher a atenção do leitor, mostrando os dois lados da questão, os pensamentos contrários e favoráveis, deixando prevalecer os argumentos que sustentam o seu ponto de vista.• Finalmente, o texto convence o leitor de que o porte de armas só trará violência. A autora nos chama à reflexão de que, como menos armas, mais harmonia e concórdia predominarão em seu adorável lugar.

Dado o exposto, presumimos que as atividades realizadas, de acordo com a proposta da *Olimpíada de Língua Portuguesa*, fizeram com que os alunos se sentissem mais motivados para desenvolver e participar de atividades que envolvessem escrita e oralidade. Além disso, foi dada a oportunidade do aluno se expressar e de opinar sobre questões polêmicas, dando oportunidade de conhecer, com mais intensidade, o lugar de vida dos alunos, tendo em vista que, conforme aponta Rodrigues (2000, p. 214), conhecer os mecanismos “linguístico-discursivos requeridos para compreensão e produção desse gênero é essencial para o efetivo exercício de cidadania, que passa pelo posicionamento crítico diante dos discursos”.



CONCLUSÃO

Os gêneros textuais exercem um papel fundamental no ensino de língua materna. É necessário, portanto, oportunizar situações em que o aluno possa ter voz e vez para cumprir o seu papel discursivo em situações comunicativas específicas. Nesse ideário, o jornal pode favorecer no uso da linguagem em suas múltiplas dimensões. Nesse contexto, a proposta da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro contribui, decisivamente, nessa proposta de leitura e produção de texto a partir dos gêneros textuais.

O material da Olimpíada de Língua Portuguesa pode ser uma forma do aluno-aprendiz exercer um papel, de fato, significativo, pois o texto que aqui expomos serviu de amostragem de como é possível desenvolver um trabalho que consiga surtir efeito, através da compreensão do gênero, desde as atividades de leitura até o processo de escrita.

Assim, trabalhar como o artigo de opinião na sala de aula é dar uma oportunidade sem igual para escapar da circularidade e de alienação das atividades escolares, sendo possível incorporarmos uma prática metodológica relevante que impulsiona a investigação, aprendizagem, permitindo conceber a educação como um processo de vida.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: HUCITEC, 1985.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Parte II**. Brasília: MEC/SEF, 1999.

BRITTO, L. P. L. Em terra de surdos-mudos: um estudo sobre as condições de produção de textos escolares. In: GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2005.

CORRÊA, A. M. S. & CUNHA, T. R. Trabalhando a leitura em sala aula. In: PAULIUKONIS, M. A. L. & SANTOS, W. dos. (orgs.). **Estratégias de leitura: texto e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

DELL'ISOLA, R. L. P. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FARIA, M. A. de O. **Como usar o jornal na sala de aula**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 1999.

KOCH, I. V; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2008.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

LOPES-ROSSI, M. A. G. Gêneros discursivos no ensino de leitura e produção de textos. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, S. **Gêneros discursivos: reflexões e ensino**. 2 ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definições e funcionalidade. In: In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

_____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PIMENTA, S. G. & LIMA, M. do S. L. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2001.

RODRIGUES, R. H. O artigo jornalístico e o ensino de produção escrita. In: ROJO, R. (org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas: Mercado das Letras, 2000.

SOUZA, L. V. de. Gêneros jornalísticos no letramento inicial. In: In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M A. (orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

RANGEL, E. de O; GAGLIARDI, E; AMARAL, H. **Pontos de vista – caderno do professor: orientações para produção de textos**. São Paulo: Cenpec, 2010. (Coleção da Olimpíada).

SILVA, E. V. da. & ANGELIM, R. C. C. O ensino de língua portuguesa: da heterogeneidade linguística à prática de sala de aula. In: PAULIUKONIS, M. A. L. & SANTOS, W. dos. (orgs.). **Estratégias de leitura: texto e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.